

IMF Survey

PERSPECTIVAS ECONÓMICAS REGIONAIS

África deve crescer mais em meio a mudanças nas tendências mundiais

Por Jesus Gonzalez-Garcia e Juan Treviño
Departamento da África, FMI

24 de Abril de 2014



Agricultor ara a terra em Saulawa, Nigéria: recuperação da produção agrícola deve ajudar a sustentar a aceleração do crescimento na África Subsariana (foto: Joe Brock/Reuters/Newscom).

- Crescimento regional robusto registado em 2013 deve acelerar em 2014
- Tendências mundiais que favoreceram o crescimento no passado devem enfraquecer no médio prazo
- Riscos de origem interna podem toldar ainda mais as perspectivas para alguns países

O crescimento robusto na África Subsariana deve acelerar em 2014, reflectindo a melhoria do panorama na maioria dos exportadores de petróleo e em alguns países de baixo rendimento e Estados frágeis.

A mais recente edição do relatório do FMI sobre as perspectivas económicas regionais para a África Subsariana projecta um crescimento do PIB de 5½ por cento em 2014, frente a cerca de 5 por cento em 2013 (ver a Figura 1).

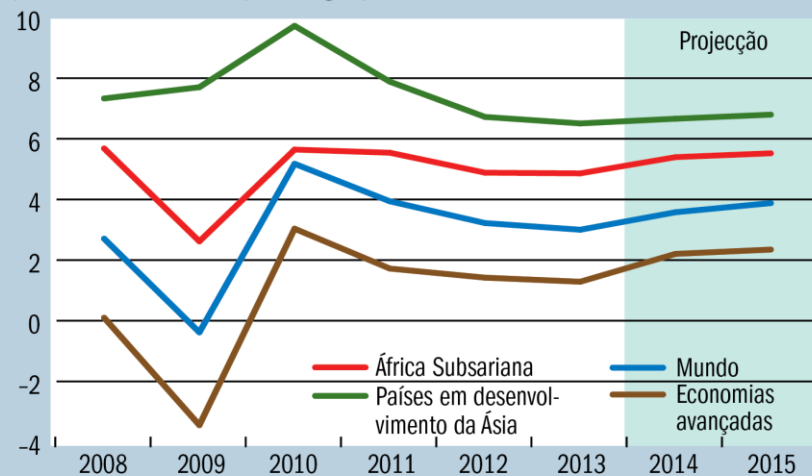
Esta aceleração do crescimento deve ser sustentada por grandes investimentos em infra-estruturas e mineração, investimentos em maturação nas áreas de transportes e telecomunicações, e uma recuperação da produção agrícola.

Figura 1

Desempenho de ponta

Com o respaldo de investimentos em infra-estruturas e mineração, bem como da recuperação da produção agrícola, a África Subsariana deve situar-se entre as 30 regiões de crescimento mais acelerado no mundo.

(crescimento do PIB real, percentagem)



Fonte: FMI, banco de dados do *World Economic Outlook*.

O forte desempenho da economia em 2013 foi impulsionado, sobretudo, pela procura interna, ao passo que a procura externa contribuiu de forma modesta para o crescimento da região, pois a actividade económica mundial e os preços dos produtos primários permaneceram moderados durante a maior parte do ano.

Tendências mundiais

As perspectivas para o curto prazo são sólidas, mas estão sujeitas a riscos de deterioração. Três tendências mundiais que apoiaram o crescimento na África Subsariana no passado devem começar a tornar-se menos favoráveis no curto prazo.

Para começar, o crescimento em alguns dos principais parceiros da África Subsariana deve permanecer relativamente moderado. Caso o crescimento nos mercados emergentes — especialmente na China — desacelere bem mais do que o previsto, muitos países da região certamente enfrentariam uma redução da procura pelas suas exportações.

Nestas condições, as perspectivas para os preços de alguns produtos primários, sobretudo o cobre e o minério de ferro, provavelmente também seriam graves, com implicações adversas para os respectivos investimentos na região. Para além disso, condições financeiras mais restritivas, particularmente na China, também poderiam reduzir o interesse das empresas em investir na África Subsariana.

A eliminação gradual das políticas monetárias pouco convencionais nas economias avançadas poderia resultar na elevação dos custos dos empréstimos, sobretudo para os mercados emergentes e as economias de fronteira. Isso resultaria em pressões financeiras significativas para a região, inclusive com a renovação das pressões sobre as taxas de câmbio e os preços internos.

A mudança destas tendências mundiais poderia tornar-se cada vez mais difícil para a maior parte da região no médio prazo e constituir ameaças maiores para a região como um todo. Contudo, os riscos internos são mais significativos para alguns países.

Riscos de origem interna

Os riscos de origem interna decorrem do crescimento dos desequilíbrios orçamentais em uma série de países, resultando em novos aumentos da dívida pública em alguns casos. Os défices na região como um todo praticamente não variaram após 2009, quando muitos países da região evitaram políticas orçamentais pró-cíclicas pela primeira vez (ver a Figura 2).

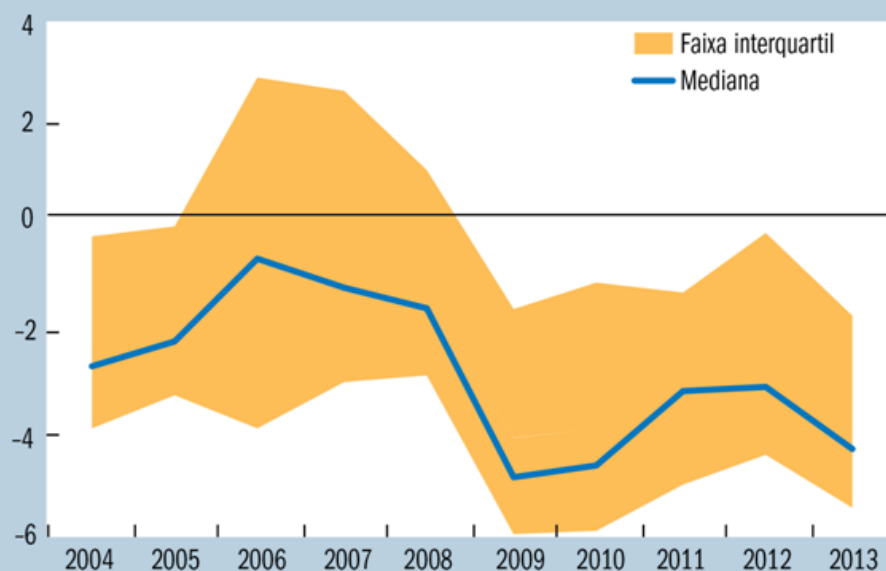
Na maior parte, a persistência dos défices reflecte políticas que favorecem a expansão tão necessária das despesas de capital e, ao mesmo tempo, mantêm níveis de endividamento sustentáveis, além de não representar uma fonte importante de preocupação no nível regional.

Figura 2

Ajustamento desigual

Os riscos de origem interna para o crescimento da África Subariana decorrem do crescimento dos desequilíbrios orçamentais em alguns países, resultando em novos aumentos da dívida pública em alguns casos.

(rácio saldo orçamental global/PIB, percentagem)



Fonte: FMI, banco de dados do *World Economic Outlook*.

Contudo, as finanças públicas apresentaram uma notável deterioração em vários países que adoptaram uma orientação orçamental demasiadamente expansiva, em parte financiada por empréstimos estrangeiros. Isto resultou em rápidos aumentos da dívida pública. Alguns destes países favoreceram os gastos correntes e reduziram os investimentos públicos. Em alguns casos, os custos dos empréstimos aumentaram e as taxas de câmbio têm sido pressionadas desde que o Federal Reserve anunciou, em Maio de 2013, a eliminação gradual das suas operações de política monetária pouco convencionais.

Há também alguns poucos países, como a República Centro-Africana e o Sudão do Sul, onde as condições de segurança permanecem difíceis e os conflitos estão cobrando um preço alto, com efeitos secundários em alguns países vizinhos. Outros países no Sahel também enfrentam ameaças de terrorismo, o que traz implicações adversas para a estabilidade e o desenvolvimento.

Reduzir os défices

As políticas devem dar mais ênfase à sustentação da estabilidade macroeconómica que apoiou o forte crescimento na região.

Sempre que o crescimento vai bem, cabe à política orçamental reduzir gradativamente os défices ao conter as despesas. A política também deve ser usada para assegurar que o ritmo da arrecadação de receitas tributárias seja pelo menos igual ao do crescimento dos gastos.

Nos países em que são evidentes os desequilíbrios macroeconómicos, urge adoptar políticas correctivas. Os países com uma dependência mais forte de fluxos de carteira devem estar prontos a ajustar os seus planos orçamentais no caso de uma queda do financiamento externo e, ao mesmo tempo, permitir que a taxa de câmbio se ajuste conforme necessário.

Estudos de base

O relatório *Regional Economic Outlook* também discute, em dois estudos de base, como o crescimento na África Subsariana pode tornar-se duradouro e mais inclusivo, e a evolução recente dos quadros de política monetária em um grupo de países da região.

O primeiro estudo conclui que, apesar da melhoria de alguns indicadores sociais, o crescimento não foi inclusivo na maioria dos países. Argumenta que, juntamente com as iniciativas ora empreendidas para promover uma transformação estrutural, como o investimento em capital físico e humano, o crescimento deve tornar-se mais inclusivo ao facilitar a geração de empregos, promover a inclusão financeira e elevar a produtividade da agricultura — sector em que a maior parte da população está empregada.

Estes objectivos podem ser alcançados mediante a melhoria do clima de negócios, a oferta de melhor capacitação técnica, a redução dos custos das transacções financeiras e a exploração de novas tecnologias, como a banca móvel.

O segundo estudo discute o caminho a percorrer para melhorar a condução da política monetária em um grupo seleccionado de países, uma vez que a abordagem tradicional de concentrar-se em agregados monetários para combater a inflação está a mostrar-se cada vez mais ineficiente.

O estudo recomenda que, para tornar a política monetária mais eficaz, as reformas devem abranger melhores instrumentos para gerir o excesso de liquidez, dados de alta frequência para orientar intervenções oportunas, modelos analíticos sólidos para prever a inflação e uma estratégia de comunicação clara que ajude a ancorar as expectativas. Vários países da África Subsariana já tomaram medidas neste sentido.

Ligações relacionadas:

[Comunicado de imprensa](#)

[Ler o relatório](#)

[Blog: Comércio entre a África e a China](#)

[Recursos naturais e crescimento](#)

[Financiamento para as estradas na África](#)